

RETÓRICA DO TERROR NA FICÇÃO DE NCJ, ILUMINADA POR ARISTÓTELES NA RETÓRICA DAS PAIXÕES

Nelson Choueri Junior

Mestrando do Departamento de Filosofia – UFRN

RESUMO

No conto "A roupa nova do General" de autoria do mesmo autor deste texto, é relatado um exemplo de como a retórica do terror poderia ser explicitada pelos agentes do Estado nos tempos da ditadura militar no Brasil (1964 a 1985), com a finalidade de se estabelecer e manter o controle social. Nele, o autor faz um relato ficcional de um mecanismo extremamente engenhoso e sutil de conscientizar as pessoas sobre a mortal ferocidade que os agentes do regime poderiam manifestar contra quem bem lhes aprouvesse. Aristóteles, na "Retórica das paixões" nos auxilia na compreensão do conto e do momento histórico em que a trama se desenrola.

Palavras-chave: tortura; retórica; ditadura militar; ficção; terror

Repressão, temor e terror

No decorrer do período que se seguiu ao golpe militar no Brasil em 1964, o regime que se instalou no poder foi instaurando práticas de controle social que, paralelamente a ações demagógicas e de propaganda institucional, contemplavam a implantação do terror no seio da população, visando inibir qualquer forma que fosse de manifestação de oposição. O terror era disseminado por meio, por exemplo, da tortura, a qual acabou se institucionalizando, tal era a sua ocorrência como prática cotidiana dos inúmeros órgãos de repressão existentes então.

Dezenas de milhares de artistas, políticos, professores universitários, alunos do ensino superior e médio, operários, camponeses, donas de casa e religiosos foram torturados; os objetivos dos alçózes eram, tanto de arrancar informações, como de oferecer exemplos à população, que tomava conhecimento desses episódios por meio de notícias boca-a-boca, uma vez que um rigoroso sistema de censura à imprensa em geral estava implantado.

Em meados dos anos 70, o regime começou a distender-se, e alguns casos dessa época de tortura e morte perpetrados pelos agentes da repressão tornaram-se ícones da luta pela redemocratização do país. É exatamente um caso desses, fictício, que é narrado no conto que apresentamos neste trabalho. Propositalmente ele reproduz diversas características de um caso real da época que tornou-se histórico, portanto nenhuma semelhança pode ser atribuída a coincidência.

Aristóteles (384 a.C.- 322a.C.), na *Retórica das paixões*, não trata da paixão terror, mas apenas do temor. Uma das definições encontradas nos dicionários para o verbete terror é: ameaça que causa grande pavor. Essa parece ser a exata definição da sensação intencionalmente causada pelo regime militar nas pessoas que se informavam minimamente naquele tempo. Elas sentiam pavor em imaginar a possibilidade de ser ou de ter alguém conhecido ou não sujeito ao tratamento da tortura.

Já a paixão temor para Aristoteles é um “certo desgosto ou preocupação

resultantes da suposição de um mal iminente, ou danoso ou penoso...” (ARISTÓTELES, 2003: 31). Pavor, como representação do terror, é muito diferente de desgosto ou preocupação; pavor pode ser imaginado como uma potencialização extrema de desgosto. Mas ambos tem a mesma natureza, pois assim como o terror é ameaça, Aristóteles fala em suposição de um mal iminente. A suposição de um mal iminente é uma forma de ameaça.

Contudo, se o estagirita não forjou ou, pelo menos, não deixou registrada uma expressão que designasse uma paixão que apresentasse a intensidade do terror, podemos ao menos supor que o mecanismo de ação no ser humano é o mesmo tanto para o terror quanto para o temor em Aristóteles. A diferença estaria somente na intensidade.

É importante notar que, tanto o temor quanto o terror, remetem a uma situação *potencial*, mas não realizada, de dano. Se a pessoa sofrer o dano e estiver certa de que ele não se repetirá, então desapareceriam o temor ou o terror.

Aristóteles prossegue:

São temíveis as coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou de causar danos que levam a grande desgosto. Por isso, até os indícios de tais coisas são temíveis, porque o temível parece estar próximo; é nisso, com efeito, que reside o perigo, a aproximação do temível. (ARISTÓTELES, 2003: 31).

Nesse trecho, o filósofo intensifica as sensações usando as expressões *grande capacidade de arruinar* e *grande desgosto*, aproximando-se do conceito de terror na íntegra, mantendo contudo as expressões temíveis e temível para designá-las.

É interessante notar como se fabricavam, na ficção do conto, o terror entre as pessoas, e a importância que isso tinha para o regime.

O conto “A roupa nova do General”

Os jornais noticiaram com um estardalhaço enorme a morte do grande nome da arquitetura nacional. Ele havia sido detido dois dias antes por supostos agentes do DOI-CODI para prestar esclarecimentos, e morreria no início da noite anterior. A maioria dos jornais refizeram sua diagramação para poder publicar o furo. O arquiteto era conhecido e reconhecido internacionalmente; dava aulas especiais em diversas universidades pelo mundo todo. Alguns jornais, como a Folha de São Paulo e o Jornal do Brasil refizeram até mesmo sua primeira página para noticiar em manchete o provável assassinato.

Como tantas outras mortes naquele tempo, as circunstâncias daquela também estavam cercadas de mistério, de desinformação e de especulação. Teria ele sido torturado antes de morrer? Ele fora preso por quem? Havia algum registro oficial que informasse que ele teria sido preso, de forma que se pudesse responsabilizar o Estado pela morte? Ele era militante comunista mesmo? Fora essa a causa de sua prisão? O fato de ser comunista dava ao Estado o direito de torturar e matar? Essas eram as perguntas formuladas por toda a sociedade.

- General, os jornais estão noticiando na primeira página a morte do cara. Estão fazendo insinuações de que há um racha dentro das Forças Armadas, e no próprio governo; a situação poderá se deteriorar – manifestou o Comandante Regional, preocupado.

- Não se preocupe. Deixe as coisas seguirem seu rumo. Tudo está saindo de acordo com o previsto.

A pressão social ia se ampliando nas horas que se seguiram à morte. A Ordem dos Advogados do Brasil e a Associação Brasileira de Imprensa insistiam em que aquele era o momento de se levar a cabo uma investigação séria sobre um caso, entre tantos outros parecidos que haviam ocorrido no país naqueles anos, e que teriam caído no esquecimento. Aquele não seria esquecido, garantiam.

Barbosa Lima Sobrinho e D. Paulo Evaristo Arns fizeram declarações corajosas pelo rádio e pela televisão. Os artistas publicavam manifestos em suas apresentações. Os teatros de vanguarda faziam *performances* sobre o ocorrido, antes das apresentações principais, instigando a platéia a discutir o assunto e as pessoas a se posicionarem frente à ditadura militar.

Algumas universidades pararam, e os estudantes saíram às ruas para protestar. Os Centros Acadêmicos e outras entidades livres promoviam a mobilização de seus associados, exigindo transparência nas investigações. O Largo de São Francisco, em São Paulo fervilhava de indignação. Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Fortaleza enviaram caravanas para o “Ato da Sé”, no centro de São Paulo num monumental protesto.

O comando militar da região responsável pela detenção e morte do arquiteto instaurou um inquérito policial militar para supostamente apurar as circunstâncias em que o fato ocorrera. Mas, surpreendentemente, o general convidou jornalistas e fotógrafos para registrarem e apurarem tudo com a maior rapidez e transparência, e deixar patente que, embora não tivéssemos eleições diretas para presidente, o regime admitia ser investigado e criticado pelos mais diversos setores de nossa sociedade.

- Mas General, os caras vão chegar e ver o quê? O corpo ainda está lá na cadeira-do-dragão; como é que o senhor quer que nós recebamos os jornalistas nessas condições?

- Deixe as coisas seguirem seu rumo, repito. Façam apenas o que eu determinar. Peguem o corpo e levem para uma cela dessas aí do Paraíso mesmo. Retirem o cinto do defunto, passem no pescoço dele, apertem bem até quebrar a cervical, e amarrem o cinto assim apertado na grade da cela. A altura da grade deverá ser de uns trinta centímetros ou mais, além da altura do cara, entendido? Para todos os efeitos, ele se suicidou por arrependimento por ter sido aliciado pelo movimento internacional comunista. Estou certo de que a sociedade logo esquecerá isso. A imprensa deixará de tocar no assunto a cada dia, e tudo seguirá seu rumo conforme deve seguir: de forma lenta, gradual e segura.

A cena foi armada na correria, e os jornalistas e fotógrafos foram autorizados a visitar a cela na qual o arquiteto teria se suicidado. No dia seguinte, o general é informado sobre as notícias. De novo, as primeiras páginas dos jornais traziam o caso, e fotos do cadáver suportado por um cinto atado a uma grade. Ao ver as fotos, o general tem um ataque de fúria.

- Imbecis!!! Imbecis!!! Como é que vocês penduram o cara numa grade a um metro e vinte do chão, e querem que alguém acredite que ele se suicidou! Eu mandei pendurar numa grade mais alta do que o cara, porra!

- Eu dei a ordem correta, general, mas o tenente entendeu que era para pendurar numa grade mais alta do que trinta centímetros.

- Vocês não perdem por esperar; em breve vocês receberão o que merecem. Mande o tenente responsável comparecer para uma audiência comigo e com o Comando Geral.

Duas horas depois, na audiência, o general inicia perguntando ao tenente o que ele havia entendido sobre o que fora ordenado a ele.

- Meu General. Meu Comandante. Sou o Tenente Afrânio José de Paula. Tenho dezoito anos de serviços cumpridos nas nossas gloriosas Forças. Eu entendi que era para quebrar a cervical do defunto com seu próprio cinto, e fizemos isso; ocorre que durante a operação, o cinto arrebentou, e mandei imediatamente comprar um novo para substituir o outro. Eu mesmo dei o dinheiro para a compra. O cinto novo é bem mais forte do que o velho.

- Mas vocês se esqueceram de tirar a etiqueta de preço do cinto! O Tenente por acaso entendeu que as pessoas acreditariam que o cara se suicidou com um cinto novo, saído da loja? E por que penduraram o cara numa grade tão baixa; as pernas dele ficaram dobradas! Ninguém que tenha se enforcado acaba naquela posição!

- Com todo o meu devido respeito, General, em nenhum momento entendemos que as pessoas acreditariam que o arquiteto havia se suicidado. Mas não entendemos que era essa a estratégia das Forças Armadas: a de fazer a população, de fato, crer que o arquiteto se enforcara. Entendemos que a estratégia era a de fazer saber à população inteira que nós matamos o arquiteto numa sessão de tortura, pois assim todos ficariam cientes de duas coisas: primeiro, que continuamos a torturar; e segundo, que não precisamos esconder esse fato de ninguém, pois não há ninguém que nos ameace. E prosseguiu:

- Entendo que a estratégia só poderia ser essa, pois se mostrássemos um cenário absolutamente convincente de suicídio, aqueles que sabem a verdade saberiam que agimos por pressão da sociedade civil, e eu tenho a convicção de que não era essa a estratégia: a de fazer saber a quem quer que seja que agimos por pressão social. Entendo que não interessa às Forças que as pessoas pensem que nós queremos que eles acreditem que nós estejamos falando a verdade. Tenho a convicção de que interessa às Forças que as pessoas saibam que, além de torturar, mentimos; e que além de mentir, não tentamos fazer com que nossas mentiras passem como verdades.

O tenente expunha com notável clareza seus próprios pontos de vista, e além disso fazia gradativamente crer aos seus interlocutores que aqueles eram os pontos de vista deles. Prosseguiu então:

- E essa, em minha modestíssima opinião, e salvo melhor juízo, meu General; meu Comandante – essa é a parte mais importante da operação toda, desde a detenção do arquiteto: fazer saber que mentimos e que não tememos que todos saibam e publiquem que mentimos. Essa é a maior demonstração de poder que poderíamos dar no presente momento; momento histórico este, em que alguns setores da sociedade andam, com o perdão pela expressão popular, pondo as manguinhas de fora. E concluiu:

- Tenho a convicção de que essa foi a estratégia exarada do generalato, embora a tática fizesse crer a mentes menores que a estratégia fosse outra.

- Bravo, Tenente! – exclamou o general. Vejo que o Tenente entendeu e executou com maestria todas as ordens deste General. Parabéns! Agora está dispensado, Tenente.

- Ah. Outra coisa, Tenente - prosseguiu. Não comente com ninguém nada do que foi conversado aqui; segredo de Estado, sabe como é.

O tenente bateu continência e saiu. O general olhou para o Comandante da Região e repetiu mais solene do que nunca, e sem perder um milímetro da dignidade:

- Não se preocupe. Deixe as coisas seguirem seu rumo. Tudo está saindo de acordo com o previsto.

CONVITE À REFLEXÃO

Ao final da leitura do conto, gostaria de convidar o distinto leitor a se perguntar em que medida estamos totalmente livres de manifestações similares à descrita nessa obra de ficção, por parte de indivíduos ou grupos que detém o poder com a intenção de disseminar o medo ou o terror, não apenas no Estado, mas igualmente em quaisquer outras organizações como empresas, instituições de ensino, forças militares, e na própria família.

REFERÊNCIA

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução do grego Isis Borges B. da Fonseca. 1a. edição. 2a. Tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.